

## O PNEF e a Heterogeneidade da Prestação Motora dos Alunos: Que Respostas, que Soluções?

Maria Inês Fernandes<sup>1</sup>, Cláudio Caires<sup>1</sup>, Deodato Rodrigues<sup>2</sup>, Helder Lopes<sup>1,3</sup>

<sup>1</sup>CCCS-DEFD, Universidade da Madeira; <sup>2</sup>Escola Secundária de Francisco Franco, Secretaria Regional da Educação e Recursos Humanos; <sup>3</sup>CIDESD

### Resumo

A heterogeneidade da prestação motora coloca importantes desafios aos professores de Educação Física. Compreender essa problemática afigura-se uma necessidade incontornável face ao desafio de proporcionar a todos os alunos as melhores condições de aprendizagem e consequentemente a conquista de competências úteis e duradouras. Neste esforço de compreensão, procuramos definir o que se entende por heterogeneidade, situar as suas causas e consequências, definir os desafios que os profissionais da disciplina enfrentam neste âmbito e procurar as respostas gerais e específicas para a problemática.

**Palavras-Chave:** Heterogeneidade, Educação Física, Prestação Motora

## Introdução

Este artigo tem por finalidade apresentar o estudo realizado no âmbito do Estágio Pedagógico integrante do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Universidade da Madeira, realizado no ano letivo 2013-2014, na Escola Secundária de Francisco Franco.

A identificação da heterogeneidade como problemática a estudar resultou da constatação de que ela é uma característica do espaço escolar em geral e destaca-se no contexto da Educação Física de forma bastante específica.

De facto, os alunos apresentam acentuadas diferenças ao nível da prestação motora, circunstância detetada na fase de avaliação diagnóstica e confirmada ao longo das aulas, designadamente nas de abordagem de modalidades coletivas, nas quais a interação para o funcionamento de “exercícios elementares” foi sendo, comprometida no fosso entre indivíduos que não são capazes de manter uma relação consistente com o objeto de jogo e os outros que resolveram os aspetos principais dessa relação.

A ação coletiva que mobilizou todos os núcleos de estágio, intitulou-se “Programa Nacional de Educação Física – da teoria à prática”. O nosso módulo, para além de responder a esse aspeto concreto e a uma problemática específica enquadrável no PNEF, procurou seguir a mesma lógica da ação individual (apresentada em *poster* no “Seminário Desporto e Ciência 2014” e em artigo no respetivo livro de atas).

Optámos sobretudo por rentabilizar contextualizações e procurar responder a uma problemática comum entre os professores de Educação Física, no sentido de tentarmos colmatar as principais dificuldades sentidas durante a prática letiva.

## Diagnosticando a Heterogeneidade em Educação Física

Patente desde o momento da realização da avaliação diagnóstica inicial, a heterogeneidade da prestação motora dos alunos colocou desafios operacionais importantes e motivou a busca de respostas para os mesmos.

A manifestação da heterogeneidade da prestação motora foi mais evidente no grupo taxonómico dos Desportos Coletivos, cujas modalidades são caracterizadas pela relação de cooperação/oposição, interação, distribuição de funções específicas, comportamentos de diálogo e dinâmicas de grupo que influenciam diretamente a prestação do outro.

Diagnosticar a heterogeneidade da prestação motora dos alunos é identificar, por exemplo: a) os alunos com maiores capacidades; b) os alunos que revelam maiores dificuldades e necessitam de maior acompanhamento; c) as matérias em que os alunos se encontram mais distantes dos objetivos definidos; d) as capacidades motoras que merecem uma atenção especial (PNEF, Jacinto *et al.*, 2001).

Os diferentes domínios do objeto de jogo, a dificuldade/facilidade em ocupar racionalmente o espaço e a necessidade de os alunos realizarem constantemente ações técnico-táticas perturba significativamente a qualidade das interações e põe em causa a própria funcionalidade do jogo coletivo. Um bom diagnóstico permite-nos formar grupos, uns heterogéneos, outros homogéneos, estando atentos à permeabilidade das interações em função dos exercícios utilizados cujas solicitações pretendem levar o aluno a adaptar-se e a transformar-se.

### **Metodologia de Atuação**

Logo após a avaliação inicial, procurámos identificar uma metodologia de atuação que permitisse uma abordagem integral do problema (Almada, Fernando, Lopes, Vicente e Vitória, 2008):

1. Perceber os fenómenos;
2. Saber como atuar sobre esses fenómenos;
3. Definir os meios disponíveis;
4. Montar estratégias de atuação;
5. Desenvolver as estratégias consideradas mais ajustadas;
6. Controlar a evolução da aplicação dessas estratégias.

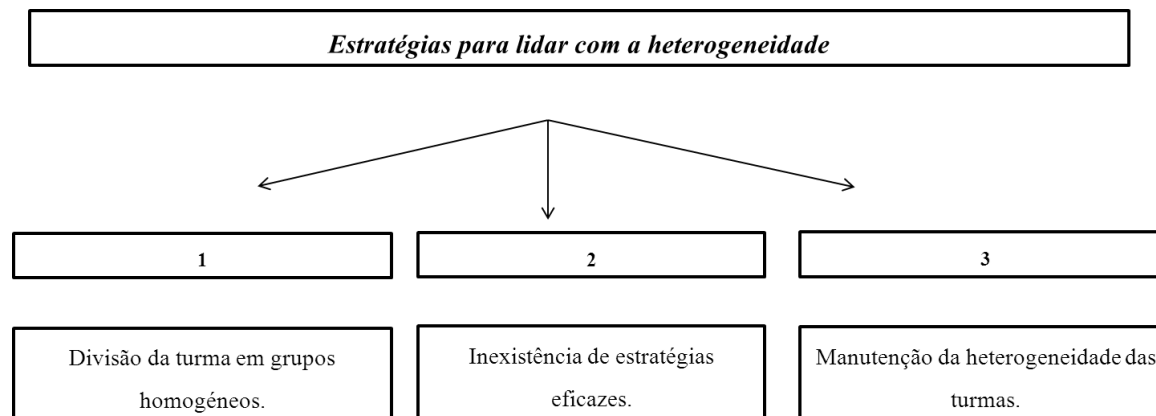
Esta metodologia tinha também sido abordada por Andrade, Pestana, Lopes e Lopes (2013), no ano letivo anterior, quando foi analisada a mesma problemática, seguindo a lógica de que os três primeiros pontos permitem inventariar os recursos existentes e quais aqueles que interessa selecionar para definir o que temos/o que gostaríamos de ter/o que vamos conseguir obter. Os três últimos definem as atuações, no sentido de operacionalizar as estratégias definidas.

As possibilidades colocadas pelo PNEF são as seguintes:

- 
1. A atividade formativa proporcionada aos alunos deve ser:
    - tão coletiva (de conjunto, interativa) quanto possível;
    - tão individualizada (ou diferenciada por grupos de nível) quanto o necessário.
  2. “A constituição dos grupos deve permitir, preferencialmente, a interação de alunos com níveis de aptidão diferentes. No entanto, sempre que necessário à eficácia do processo de ensino-aprendizagem, deve assegurar-se a constituição homogênea de grupos”.

Figura 1 – Respostas de três docentes (com grande experiência) sobre a personalização do processo pedagógico (adaptado de Caires, Fernandes, Rodrigues & Lopes, 2014)

Na lógica da compreensão do fenómeno, procurámos identificar respostas de três docentes (com grande experiência) sobre a personalização do processo pedagógico, através de uma entrevista semi-estruturada, cujas conclusões passamos a expor:



**Personalização do Processo Pedagógico:  
a) Potencialidades b) Limitações**

1	2	3
a) Respeito pelos diferentes ritmos de aprendizagem; b) Falta de material para um modelo personalizado de ensino.	a) Corresponder os conteúdos às necessidades do aluno; b) Falta de valores como a superação e a competição.	a) Aprendizagem mais consolidada e estruturada; a) Programação metodológica mais intensa.

**EM SÍNTESE**

- 1 dos 3 participantes considera a personalização do processo pedagógico um recurso eficiente para alcançar meios e fins de uma aprendizagem bem consolidada e estruturada através da formação de grupos homogêneos com ritmos e níveis de aprendizagem similares.

- Por outro lado, a manutenção da heterogeneidade foi vista como um fator positivo por 2 dos 3 participantes, reconhecendo-se que, em situações de exercício critério, os alunos com maior dificuldade de execução podem agrupar-se com os alunos proficientes, procurando que ambos evoluam em conjunto.

Figura 2 – Resultados da entrevista semi-estruturada.

Refira-se que este é apenas um padrão de respostas dentro de uma amostra limitada mas que ajudou na lógica da compreensão do fenómeno.

Na lógica de recolher mais informação crítica e face à necessidade de suprir a exiguidade de estudos específicos em EF sobre a problemática, entrevistámos ainda dois licenciados em EF, com uma característica comum, com experiência tanto no ensino como no treino desportivo, no caso concreto, numa modalidade coletiva e numa modalidade individual.

EM SÍNTESE, EM RELAÇÃO À ESCOLA:

- Ambos reconhecem a heterogeneidade como uma característica da prestação motora dos alunos;
- Reconhecem ainda a necessidade de serem adotadas estratégias para lidar com a mesma;
- Nessas estratégias, apontam principalmente para a organização de atividades em torno de grupos de nível.

EM SÍNTESE, EM RELAÇÃO AO TREINO:

- Ambos reconhecem que a heterogeneidade também está presente mas de forma mais esbatida;
- Referem que a heterogeneidade diminui à medida que se avança no escalão etário, pelo que as soluções nas fases iniciais de treino, devem ser distintas das fases mais evoluídas.

Figura 3 – Síntese das conclusões da entrevista em relação à escola e ao treino.

De acordo com o conjunto de informações recolhidas, com as referências bibliográficas e com as indicações do PNEF, temos que as principais tendências são:

### Principais tendências pedagógicas de lidar com a heterogeneidade

---

1. Grau Zero – Não ter em conta a heterogeneidade das turmas – Parece-nos que não é muito valorizável de um ponto de vista pedagógico porque parte do princípio de que é possível que todos os alunos aprendam as mesmas coisas, ao mesmo tempo e da mesma maneira, podendo estar desadequado dos tempos atuais de respeito da escola heterogénea e da consequente individualidade de cada um;
2. Processo pedagógico personalizado - Esta tendência respeita a individualidade e parece-nos a melhor maneira de responder à heterogeneidade. Como?
  - respeitando a heterogeneidade na interação entre alunos proficientes e não proficientes;
  - trabalhando por níveis de proficiência que apresentam em comum níveis mínimos de desempenho.

(adaptado de Figura 3 Principais tendências pedagógicas de lidar com a heterogeneidade (Caires *et al.*, 2014).

No sentido de identificar possibilidades de resposta face à heterogeneidade da prestação motora, fizemos o registo da aplicação das duas possibilidades pedagógicas referidas anteriormente.

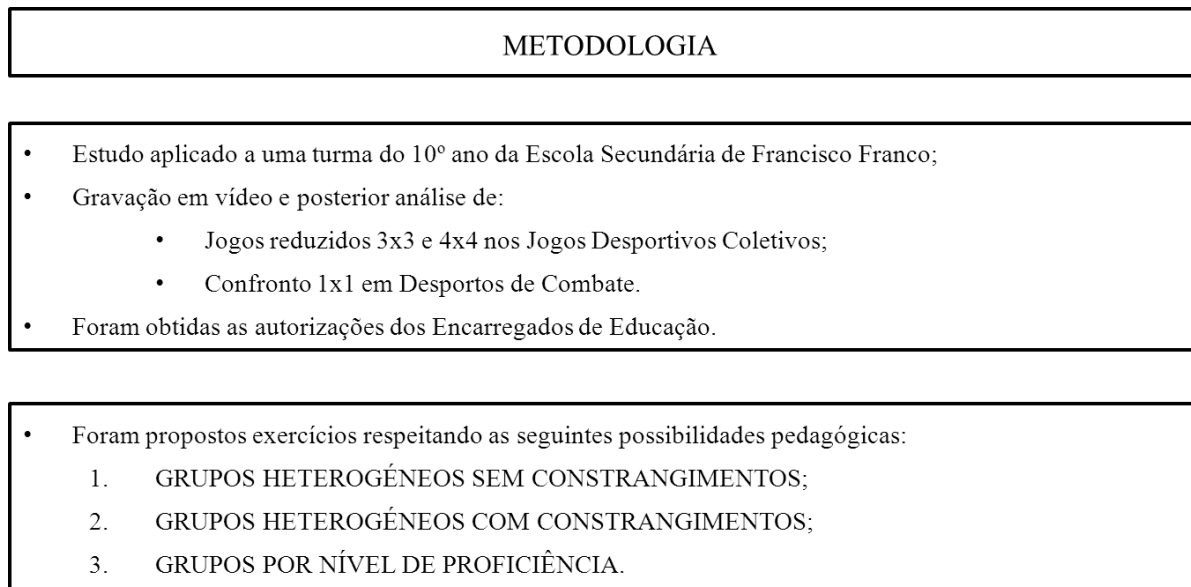


Figura 4 – Metodologia a desenvolvida para lidar com a heterogeneidade.

Este trabalho assenta no conceito de laboratório, apresentado por Almada *et al.*, (2008), designadamente:

*“(...) o laboratório apresenta formas tão variadas como praticamente a infinidade dos problemas a que procuram dar respostas ou pelo menos fazer perguntas mais pertinentes” (p.90).* Afinal, ainda de acordo com os mesmos autores, temos que:

*“(...) a melhor concetualização que podemos ter de um laboratório, encarando na sua perspetiva funcional, é que um laboratório é afinal um “tira-teimas” (p.91).*

Após observação e análise dos vídeos, concluímos o seguinte:

1. GRUPOS HETEROGÉNEOS SEM CONSTRANGIMENTOS	
JDC	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alunos mais proficientes assumem as ações do jogo;</li> <li>• Alunos menos proficientes com fraco empenhamento motor.</li> </ul>
DC	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atitude defensiva passiva de alguns alunos, especialmente os rapazes;</li> <li>• Empenhamento motor inconstante.</li> </ul>

2. GRUPOS HETEROGÉNEOS COM CONSTRANGIMENTOS	
JDC	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alunos mais proficientes assumem as ações do jogo;</li> <li>• Alunos menos proficientes com fraco empenhamento motor;</li> <li>• Alunos menos proficientes comprometem a continuidade das ações.</li> </ul>
DC	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bom empenhamento motor;</li> <li>• Tarefa acessível às capacidades de diferentes alunos;</li> <li>• O aluno menos proficiente apresenta-se mais motivado para o exercício do que o aluno mais proficiente.</li> </ul>

3. GRUPOS DE NÍVEL DE PROFICIÊNCIA		
JDC	<u>Grupo proficiente</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Elevado empenhamento motor;</li> <li>• Continuidade das ações;</li> <li>• Maior êxito na tarefa;</li> <li>• Alunos motivados.</li> </ul>	<u>Grupo não proficiente</u> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Elevado empenhamento motor;</li> <li>• Ações descontinuadas;</li> <li>• Maior êxito na tarefa;</li> <li>• Alunos motivados.</li> </ul>
DC	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elevado empenhamento motor;</li> <li>• Forte motivação dos alunos;</li> <li>• Sentido de competição mais presente;</li> <li>• Grau de superação mais evidenciado;</li> <li>• Alunos predispostos para a tarefa.</li> </ul>	

Figura 5 – Conclusões do estudo após a observação e análise dos vídeos.

Em síntese, os resultados evidenciaram que é eficaz lidar com a heterogeneidade da prestação motora dos alunos recorrendo à personalização do processo pedagógico. Comparativamente à intervenção que não tem em conta essa heterogeneidade, tanto a adoção de constrangimentos como a de grupos de nível apresentaram melhores resultados.

Esta posição é consentânea com o que nos diz Astolfi (1995 cit. por Duarte, 2004):

- Face às exigências de um saber renovado mas também de uma sociedade em transformação, que traz para a escola todos os jovens na sua diversidade social e cultural e com as suas expectativas pessoais, a personalização do processo pedagógico pode construir uma resposta pertinente, não como uma forma estática de ensino mas como uma “modificação essencial das atitudes” (p.34).

- Ou seja, o que essa tendência pedagógica propõe é a abertura do professor às necessidades e características diferentes dos alunos e, consequente aplicação de variantes didáticas que melhor respondem a essa variedade, superando assim procedimentos normalizados com que, na rotina tradicional se pretende “ensinar todos como se fossem um só” (ibidem).

### **Considerações Finais**

Sendo a heterogeneidade nas escolas uma realidade incontornável, é preciso encontrar formas de lidar com essa situação. Os caminhos abertos são de dois níveis: a) trabalhar sobre a heterogeneidade através da imposição de constrangimentos e variantes; b) trabalhar por grupos de nível respeitando níveis de proficiência distintos.

O processo deve ser controlado desde que se saiba definir os indicadores apropriados para distinguir esses níveis de proficiência e as implicações que a sua variabilidade tem no processo.

Dependendo das características dos alunos, a finalidade é que as atividades solicitadas consigam ir ao encontro daquilo que cada um deles efetivamente precisa para melhorar o seu desempenho.

É função do professor preparar e orientar um processo de adaptação do aluno sem que se perca um sentido evolutivo. Uma análise crítica dos processos torna-se fundamental para se dar respostas adequadas e ajustadas em tempo útil.

Se queremos desenvolver a prestação do jovem, temos de equacionar o controlo da sua performance motora atuando em vários níveis, não só a nível motor como também, por exemplo, a nível psicológico e pedagógico, através de constrangimentos que lhes proporcionem não só oportunidades de sucesso como também oportunidades de serem cada vez mais autónomos.

Os perfis de concentração, a adaptação a diferentes contextos, os níveis de competência, as capacidades e necessidades variam de aluno para aluno, sendo fundamental personalizar o processo pedagógico.

Parece-nos que, elevar o nível profissional é conciliar o respeito pela escola heterogénea (que resulta do inquestionável direito de todos à educação) e a forma objetiva como cada um dos indivíduos aprende e faz uso dessa aprendizagem para atingir os seus limites e alcançar competências úteis e duradoras.

## **Recomendações**

Em função desta experiência, recomendamos, sem qualquer pretensiosismo:

1. Um estudo mais completo da implicação dos conceitos da heterogeneidade em Educação Física, procurando identificar sobretudo qual o limiar mínimo a partir do qual se pode considerar que os alunos podem ser agrupados por níveis de proficiência (em que os níveis adotados pelo PNEF poderão não ser eficazes para este efeito);
2. Parece-nos útil e necessário estudar também consequências de adoção de uma ou outra possibilidade de resposta apresentadas (em que normalmente, a bibliografia enfatiza a heterogeneidade, não excluindo a hipótese, através de outras alternativas, de obter resultados positivos no processo de E-A) de modo a que os profissionais desta área obtenham mais ferramentas que lhes permitam orientar a sua atividade;
3. Na sequência da recomendação anterior, importa alargar o âmbito dos estudos a mais níveis de ensino para além do ensino secundário.

## Referências Bibliográficas

- Almada, F., Fernando, C., Lopes, H., Vicente, A., & Vitória, M. (2008). *Rotura – A Sistemática das Actividades Desportivas*. Torres Novas: Edições Vamos Mais Longe.
- Andrade, P., Pestana, L., Lopes, A. & Lopes, H. (2013). Heterogeneidade nas aulas de Educação Física: Um problema ou um meio? – Análise ao nível dos Desportos Coletivos. Universidade da Madeira.
- Caires, C., Fernandes, M., Rodrigues, D. & Lopes, H. (2014). Compreender a problemática da heterogeneidade da prestação motora para elevar o nível de intervenção profissional. Universidade da Madeira.
- Duarte, J. (2004). Pedagogia diferenciada para uma aprendizagem eficaz. Contra o pessimismo pedagógico, uma reflexão sobre duas obras de referência. *Revista Lusófona de Educação*, 4, 33-50.
- Jacinto, J., Carvalho, L., Comédias, J., & Mira, J. (2001). Programa de Educação Física - 10º, 11º e 12º anos. Ministério da Educação.